

# Cio de Pássaros

## Cio de Pássaros

Marcos Laffin

CELESTINO SACHET disse: nos poemas de Laffin as palavras cavalgam na alma ...

A poética da obra de Marcos Laffin surpreende e desafia o leitor a ultrapassar o significado rotineiro da palavra, adormecida no dicionário à espera que o apressado consulente lhe peça emprestado um ligeiro sopro de vida.

(...)

Ao entrar na seara do Poeta, você, leitor, é o dicionário corajoso que deve assumir um significado para você mesmo. E não para os outros.

(...)

Em cada uma das composições desta obra ocorrem infinitas transsubstanciações do cosmo, praticamente uma em cada verso. Como, em média cada poema engloba cinco-seis versos, ao todo "Cio de Pássaros" insinua mais de meio milhar de transsubstanciações.

(...)

JOÃO WANDERLEY GERALDI disse: entre o profano e o divino: existe o homem pássaro que é realidade e metáfora ...

Os poemas de Marcos Laffin, neste Cio de Pássaros, encantam o leitor, mas não o deixam desavisado. Ao contrário, avivam sentidos, que vão desde a surpresa por uma metáfora que "finge a realidade" e, ao mesmo tempo, é o modo com que podemos compreender esta mesma realidade até os versos que consomem os sentimentos por fazerem aflorar à pele o passado, vivido ou sonhado, pois "no corpo, corpo a saudade é uma paisagem". E eis que reaparece no poema o jogo entre o religioso e o profano divinizado pelas "esmagadas virgindades". Este achado de uma virgindade que é esmagada, não perdida, é rebatido pela carne desnuda, que não significa nudez da carne, um corpo nu, mas um corpo desnudada a carne! É uma sequência de imagens extremamente fortes e poéticas: da prosa do cotidiano extrai Marcos Laffin a sabedoria do poema, sempre uma graça verbal do inusitado que esfrega as palavras em sua cavidade, em suas dobras, fazendo-as dizerem mais do que poderiam dizer. Esta é a arte da poesia. E o poeta Marcos Laffin sussurra cios de homens e pássaros num tempo em que matamos os beija-flores.

Marcos Laffin

# Cio de Pássaros

Cio de Pássaros

ISBN 978-85-86692-09-7  
Apoio 2017  
156 p.  
Cio de Pássaros / Marcos Laffin. - Florianópolis.  
Laffin, Marcos

**Marcos Laffin**

2017

CDL 866 (85)-1

Apoio Editora

Catálogo na publicação por Ordem dos Advogados OAB-107

Marcos Laffin

## Cio de Pássaros

Para

Maria Hermínia, no voo e no pouso, sempre nua.

Apoio Editora

L163c Laffin, Marcos

Cio de pássaros / Marcos Laffin. – Florianópolis :  
Apoio, 2017.  
156 p.

ISBN: 978-85-66092-09-7

1. Poesia. 2. Poesia brasileira. 3. Literatura brasileira.  
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

*Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071*

Marcos Laffin

## Cio de Pássaros

Luiz Laffin, Marcos

Cio de Pássaros / Marcos Laffin - Florianópolis

Após 1977

198 p.

ISBN 978-85-870-09-7

Poesia e Poesia Brasileira e Literatura Brasileira

1.ª Edição

Após Editora

Classificação na publicação por: Conselho Brasileiro de Normalização Cultural - CBRN

## Sumário

"Cavalgar de palavras na alma"	3
Espelho de Luz Ancestral	21
Restos	23
Esquecimento	24
Orla	25
Caravata	26
Intuição	27
Amor	28
Dez	29
Foguete	30
Sentidos	31
Labirinto	32
Restos	33
Teco-feco à tarde	34
Meu Noite	35
Cálculo	36
Luzes	37
Para	38
Declínio	39
Maria Hermínia, no voo e no pouso, sempre nus.	
Espera	41
Morte	42
Nominal	43
Cegaria	44

## Sumário

“Cavalgar de palavras na alma” .....	13
Espigão de Luz Ancestral .....	21
Perdas.....	23
Esquecimento.....	24
Oculto.....	25
Concreto.....	26
Intuição.....	27
Anúncio.....	28
Dor.....	29
Fogueira.....	30
Sentinela.....	31
Labirinto.....	32
Restos.....	33
Terça-feira à tarde.....	34
Meia-Noite.....	35
Cólera.....	36
Luxúria.....	37
Entre as mãos.....	38
Declínio.....	39
Fé.....	40
Espera.....	41
Morte.....	42
Nominal.....	43
Cegueira.....	44

Das ignorâncias.....	45
Dentes.....	46
Instinto.....	47
Aquarius.....	48
Uma Dor Eterna.....	49
Calais.....	50
Agonia.....	51
Antes de Mim.....	52
Fome.....	53
Brejos, Troncos e Esgrima.....	57
Menino.....	59
Sobras.....	60
Encantado.....	61
Nunca mais.....	62
Colheita.....	63
Arena.....	64
Vigília do incesto.....	65
Opaco.....	66
Deserto.....	67
Sedução.....	68
Nós.....	69
Relento.....	70
Vidraça.....	71
Viajante.....	72
Mulher.....	73
Mordaça.....	74

Tigres.....	75
Brilho.....	76
Sonhador.....	77
Cobiça.....	78
Rangidos.....	79
Gravetos.....	80
Desabitado.....	81
Sem rima.....	82
Maldição.....	83
Vigília.....	84
Tortura.....	85
Estupidez.....	86
Carneiros.....	87
Abismo.....	88
Das promessas.....	89
Destino.....	90
Coisas guardadas.....	91
Aldeia.....	92
Mar do Sul.....	93
Oração.....	94
Fugir.....	95
Assobios Eternos: Migratórios.....	99
Etéreo.....	101
Posseiro.....	102
Segunda Audácia.....	103
Entrega.....	104

Helênico.....	105
Sombras.....	106
Profecia.....	107
Agonias.....	108
Trigo.....	109
Feitiço.....	110
Imaginário.....	111
Imbituba.....	112
Número 2.....	113
Hora de partir.....	114
45.....	115
Nunca o depois.....	116
Algoz.....	117
Descrença.....	118
Saudades.....	119
Certeza.....	120
Abraços.....	121
Oferenda.....	122
Cicatriz.....	123
Amante.....	124
Beira-mar.....	125
Amor.....	126
Incertezas.....	127
Volúpia.....	128
Primeira Vez.....	129
Das coisas complexas.....	130

Nudez.....	131
Audácia.....	132
Interior.....	133
Partidas.....	134
Perfume.....	135
Disfarce.....	136
Esfinge.....	137
Eclipse.....	138
Existir.....	139
Refugiado.....	140
Migrante.....	141
O que fica.....	142
Miséria.....	143
Aragem.....	144
De olhos fechados.....	145
Restinga.....	146
Liberdade.....	147
Lugar nenhum.....	148
Pássaros.....	149
“Os olhos tateiam o farol das promessas”.....	151

As produções desta última obra, estão emparelhadas em três partes - Espigão de Luz ancestral - Bregos, Troncos e Egrima - Assobios Eternos: migratórios.

## “Cavalgar de palavras na alma”

No decorrer da última década, a sequência dos títulos de quatro livros de poemas de Marcos Laffin proclamam, solenes, o reinado. O reinado de ousada inovação. Eis os títulos:

- tempo dentro do tempo (2009);
- Muralhas de Lã (2012);
- O corpo das hortênsias (2013).

E agora, este “Cio de Pássaros”, avantajada produção de poemas curtos, quanto ao número de versos, mas longuerrimos no significado de cada um deles.

As produções desta última obra, estão emparelhadas em três partes: - Espigão de Luz: ancestral – Brejos, Troncos e Esgrima – Assobios Eternos: migratórios.

A poética da obra de Marcos Laffin surpreende e desafia o leitor a ultrapassar o significado rotineiro da palavra, adormecida no dicionário à espera que o apressado consulente lhe peça emprestado um ligeiro sopro de vida.

Ao entrar na seara do Poeta, você, leitor, é o dicionário corajoso que deve assumir um significado para você mesmo. E não para os outros.

As três partes de “Cio” ordenam-se na sequência de três temporalidades em trânsito, a partir de uma luz ancestral – dá até para proclamar “luz Bíblica, que precisa ampliar o caos”, passa pela apresentação do espaço iluminado, onde vicejam brejos, troncos e movimentam esgrimas para escutar vozes eternas que perambulam pelo Espaço. Uma contínua dinâmica de forças para alcançar o que se poderia chamar de transubstanciação dos objetos – e pessoas? – do Universo!

Dentro desta ousada dinâmica da Vida, o Autor torna-se força da natureza – ou seria força de

um outro deus pai? – para alcançar que cada um dos versos do poema se transforme em poema inovante pulsando em três realidades:

- “Tem mais presença em mim o que me falta”;
- “O que a memória ama fica eterno”;
- “Quero por os tempos em sua ordem”.

Em cada uma das composições desta obra ocorrem infinitas transubstanciações do cosmo, praticamente uma em cada verso. Como, em média cada poema engloba cinco-seis versos, ao todo “Cio de Pássaros” insinua mais de meio milhar de transubstanciações. Tudo o que rodeia o poema – em geral com o título de uma única palavra – incorpora um novo Ser, vivo e consciente de seu modo de ser, de estar e de agir.

Para saborear o que está sendo filosofado e poetado, mergulhemos no novo Universo de Marcos Laffin com a amostra do poema “Vigília do Incesto”. Nele, nesse poema – novo – cosmo:

- O credo *viaja* em caravana
- O escudo *reprime* o machado
- A fome reclusa *sacia* o imortal
- O oceano *sufre* os silêncios
- A inocência *resmunga*
- O homem *engole* a lua
- O vento *rompe* a virgindade.

O pássaro é o personagem mito desta obra. Ele está presente ao longo de todo o texto, em diferentes referências sobre o *modo de ser pássaro*. Assim, por exemplo:

- Voava um bando ensandecido (Cólera)
- Sem enleio ele voa (Fogueira)
- O pássaro apoiava o corpo e sua perna (Rangidos)
- Estéril gozo do beija-flor (Sombras)
- Pássaro sem ninhal (Imaginário)
- O pulsar do pássaro desliza na fragilidade das mãos (Número 2)
- O canário não voa por estupidez (Primeira Vez)
- O pássaro ventou sua roupagem em pleno voo. Pousou nu (Etéreo).

O poema “Pássaros”, composição que fecha o livro,

pode ser considerado um eixo motor dos textos que encantam este “Cio de Pássaros”.

São três versos curtos, revestidos em 12 palavras, respectivamente quatro para o primeiro verso; três para o segundo e cinco para o terceiro.

No poema, a força estética cresce à medida que os três versos se enfileiram para chegar ao *gran finale* anunciado pelo gesto do Poeta de olhar para o céu. Lá, bem longe, e descobrir que “aquela revoada fertilizou a solidão”. Claro que se trata da revoada de pássaros anunciada no título (do poema, do livro, da obra em si). Esta solidão anunciada, tão rápida, deixa um gosto amargo na degustação do leitor. Eis o poema:

“Olhei para o céu.

Semente e nuvens.

Aquela revoada fertilizou a solidão.”

Neste livro, em que o cavalgar de palavras na alma impelem ao voo, o Cio de Pássaros garante a presença da espécie na vida do leitor!

Celestino Sachet

... pode ser considerado um verso...  
... textos que encontram este...  
... São três versos curtos, revestidos em 12 palavras...  
... respectivamente quatro para o primeiro verso...  
... três para o segundo e cinco para o terceiro...  
... No poema, a força estética...  
... os três versos se equilibram para chegar ao grau final...  
... ardo estes com magnos...  
... anunciado pelo verso do poeta de olhar para o céu...  
... a solidão. Claro que se trata da terceira e última...  
... anunciada no título do poema, do livro de obra em si...  
... Esta solidão anunciada, tão rápida, deixa um gosto...  
... amigo na degustação do leitor. Eis o poema...  
... O passar de tempo e a vida...  
... O luar para o...  
... Semente e nuvem...  
... O pulsar de sangue...  
... O canário não por estúpido...  
... Neste livro em que o cavalgar de palavras na...  
... alma impõem ao voo o Cio de Passaros garante...  
... a presença da vida do leitor...

### Espigão de Luz: Ancestral

“Tem mais presença em mim o que me falta”.

Manoel de Barros.

## Espigão de Luz: Ancestral

Perdas

A força viril sacia o dorso e a posse.  
O amor sem aflição vestiu-se de masculino.  
Tudo o mais era outra coisa:  
na parreira habita a mutilação.

Espigão de Luz: Ancestral

Perdas  
A força viril sacia o dorso e a posse.  
O amor sem aflição vestiu-se de masculino.  
Tudo o mais era outra coisa:  
na parreira habita a mutilação.

## Esquecimento

Abri cartas – ausência de metáforas.  
Vícios e palavras embrutecidas.  
Anel embrulhado em linho manchado.  
O sangue denunciava cumplicidades no lençol.  
Início da madrugada.  
Ventos dormiam.  
A mão benzia o crucifixo partido.  
Da janela, vozes roçavam: não era o vento.  
Sinos negavam o amor das calçadas.

## Oculto

O cheiro de bolo de amaranto  
vigia a casa da vizinha.  
Troca o assado por moedas e sapatos.  
Nas tardes de sol intenso,  
adormece na porta do aviário.  
Entra em êxtase, ouvindo os Coleiros.  
Em dias de chuva abre as janelas da casa.  
Acende incensos de baunilha.  
Ao meio-dia de quarta-feira  
recebe os vizinhos de Marte.  
A cartomante me conta:  
a mulher do bolo cria rãs.

## Concreto

Folha no vento. Carrega o olhar.  
Canários se aquecem no amarelo  
e dobram o outro cantar.  
A alma estica as cicatrizes.  
O carteiro ignora as aflições.  
Encantado, um raio boceja seu orgasmo.

## Intuição

Há um vício de fome.  
Nem cartas, nem incenso.  
Palavras abreviadas.  
A máquina alongou o mundo.  
Vênus não é mais uma arena.  
Busco o aroma da presença.  
Atônito.  
Anônimo, decifro o código das ausências.

Anúncio

A campainha dispara.

Atropelo o cão que fareja o enxofre.

Engano.

Respiro e agonizo a renúncia.

No latido, arde a solidão.

O retrato rompe a parede.

Incômodo é o riso na valsa.

O jornal estendido envia outras solidões.

Fogueteira

Dor

Amor de pirata suspenso no templo.

A dor na cicatriz faz tirania do silêncio.

A flor verde restaura a mobília do império.

Invencível é a memória do massacre.

Afogados no Mar de Andamão.

## Fogueira

Na moenda do café,  
o que impele vem da memória.  
O cheiro acolhe a cumplicidade.  
Com a vara na mão,  
galos cutucam inquietudes.  
Sem enleio, ele voa.  
A voz negra não entoa mais um canto.  
Semente canta a cor.  
O fogo impõe o voo.

## Sentinela

Amor cerzido em passos lentos.  
Os dias imitam o tempo - corpo nas frestas.  
O grito umedece o balanço de memórias.  
O amor rasteja no tempo das proibições.  
Corpos cercados pelo arame.

## Labirinto

O boto é um sorriso largo.

Braços e cordas encantam as renúncias.

O traje é o véu da noiva.

Quem com ele dança,

aprisiona-se em escamas.

Repete... Repete... Repete ...

É a imolação dos sentidos.

Papeis e uma sinfonia dos delírios.

Na parede, um brasão de família.

Vejo a cidade pela boca dos famintos.

Cartas de horror e piedade.

Decifras a nuvem das orlas:

Restos

A metáfora finge a realidade.

Vejo a casa num antigo cenário.

O ar da casa ficou vazio.

Na parede lascas de tua pele.

A janela aberta experimenta voos.

O instinto ressoa atrás dos dentes.

Asas fogem da memória.

Alojam-se no porão.

Do lado de dentro do umbigo,

algema e grillão adormecem.

## Labirinto

O boto é um sorriso largo.

Braços e cordas encantam as renúncias.

O traje é o véu da noiva.

Quem com ele dança,

aprisiona-se em escamas.

Repete... Repete... Repete ...

É a imolação dos sentidos.

Papeis e uma sinfonia dos delírios.

Na parede, um brasão de família.

O ar da casa ficou vazio.

Na parede lascas de tua pele.

A janela aberta experimenta voos.

O instinto ressoa atrás dos dentes.

Asas fogem da memória.

Alojam-se no porão.

Do lado de dentro do umbigo,

algema e grillão adormecem.

Terça-feira à tarde

Vejo a cidade pela boca dos famintos.

Crateras de horror e piedade.

Decifras a nudez das orelhas:

um ancestral e escravidão.

A metáfora finge a realidade.

Velas acesas num antigo cemitério.

Meia-Noite

O coro na praça ouve a banda.

Um anúncio reprimido aclama seus cadáveres.

Tudo é primitivo.

Uma mulher acende o cigarro:

olhos da iminência queimam.

Terra sem cor desconhece o amor vermelho.

Cólera

Na mesa apenas três lugares.  
Desafiei o trevo de quatro partes.  
Rasguei a partitura feita.  
O palco iluminado zombava do palhaço.  
A ferrugem dos cenários era a sentença da plateia.  
Recusei a oferta das três cadeiras.  
As despedidas eram o folclore da alma.  
Voava um banco ensandecido.  
No lilás da Via-Láctea ... Arrastos.

Entre as mãos

Virtu da fantasia e ideia da vida nova.  
Um rito e um holocausto.  
Tinha a forma do divino.  
Cujos são reguéis.  
Estrelas habitam a caverna.

Luxúria

O homem morto fala duas palavras.  
O fogo queima nas escrituras.  
Nada houve entre o homem e os deuses.  
O signo da crença é sem escúpulo.  
A mercadoria nunca foi uma verdade.  
Fingiu-se de morte a nova palavra.  
No profano vive o seu cadáver.

Entre as mãos

Vinha da fantasia a ideia da vida nova.

Um rito e um holocausto.

Tinha a fome do divino.

Curou sua cegueira.

Estrelas habitam a caverna.

Recusei a oferta das três cadeiras.

As despedidas eram o folclore da alma.

O homem morde a língua e a língua morde o homem.

Nada houve entre o homem e os deuses.

O signo da cruz é sem escríptulo.

A recordação nunca foi uma verdade.

Fugiu-se de morte a nova palavra.

No profano vive o seu cadáver.

Da madeira intocável nos ciscos nos ciscos.

Impulso da mão.

Pê deitado lambe a semente.

O cântico afoga a garganta.

Ungia é a blasfêmia da fome.

Declínio

Tem uma pele outra na carne.

O tempo é mais que aparência.

É folha de figo que alinha as manhãs.

Não há desilusão na nudez das estrelas.

Nem nas paixões pelas sombras.

Noturno arde o sexo nas asas do leopardo.

Nenhuma cor azul dorme no abandono.

Fé e as mãos

Da madeira intocável voam ciscos nos cílios.

Impulso da mão.

Pó derretido lambe a semente.

O cântico afoga a garganta.

Ungida é a blasfêmia da fome.

Imoderada é a hóstia da cobiça.

Morte

Espera

Tem uma pele outra na carne.

O inacabado sangra.

A voz escapa na coroa do rei.

Veste-se de azul a espera.

Um mosaico recria a virilidade:

luz escura da incompletude.

Nem sequer vê o dia.

Morte

Pandorgas voam no céu.

Um pano engomado com bordado de ausências.

O fio corta as nuvens: estrangula o silêncio.

Água para lavar enganos.

Unidade é a blasfêmia da fome.

Imoderada é a hóstia da cobiça.

Tem uma pele outra na carne.

O trancado sangra.

A voz escapa na coroa do rei.

Veste-se de azul a espera.

Um mosaico recorta a vitralha:

luz escurece da incompletude.

Nem sequer vê o dia.

Cegueira

As espumas conversam.

Bocas recebem cismas e promessas.

De repente, batos cartegam cismas.

Amargura na pele do cão.

Cicatrizes na raiz do fôlo.

A poesia ninguém viu.

Das ignorâncias.

Rezei para que não acabasse.

Nominal

Nela não havia sofrimento.

Uma dorzinha gritava.

No canto da rua a pedra chora um endereço ancestral.

O homem beija a boca do homem.

Escorre na calçada, suco de pêsego e manga.

## Cegueira

As esquinas conversam.

Bocas recobrem cismas e promessas.

De repente, beatos carregam cinzas.

Amargura na pele do cão.

Cicatriz na raiz do lpê.

A poesia, ninguém viu.

Dentes

Não é a palavra que agoniza.  
O celeiro é vazio dos sapatos.  
Terra fértil entardecendo.  
A boca e seus esprechimentos.

## Das ignorâncias

Rezei para que não acabasse a ilusão.

Nela não havia sofrimento.

Uma dorzinha gritava  
quando chegavam os relâmpagos.

A cegueira abriu-se diante do mármore.

Todos morrem.

Dentes

Não é a palavra que agoniza.  
O celeiro é vazante dos suspiros.  
Terra fértil entardecendo  
a boca e seus esquecimentos.

Adversus

Instinto

Um papel rasurado e outro em branco.  
O vínculo terceiro é dor fugidia: eterna.  
Colher o sol e ser nenhum:  
volúvel encanto das trevas.  
Arpeja o amor e singra um açude de asas noturnas.  
O instinto carrega a carne.

## Aquarius

A embarcação é a ponte.

Sorriso da morte.

Roubam o intangível,  
um ano e os outros também.

Ausência de futuro.

Tensão nas águas.

Rezam as partidas.

O diamante sagra a miséria humana.

Em aquarius, escorre a escravidão.

Uma Dor Eterna

Um barco azul.

Outros homens negros.

No mar a fúria branca refaz navios negreiros.

Do pesadelo acordam no paraíso do messias.

Sem moedas adormecem no mediterrâneo.

Calais

Calé, disse o homem.

Outros disseram:

Calais.

Calais.

Calais.

Lixo humano.

Mancha, na varredura geográfica.

Indiferença e incêndio.

Não, Calais!

Antes de mim

Vento de longe

Sua saudade desde o tempo dos meus avós

A vista espelha e cicatrizes

Agonia

Na rua quieta um banco espera, espia a vida.

Cabala entre a cortesã e o canário,  
encanto e carruagem.

O brilho do canto exhibe mais que galanteios.

Nessa rua o gozo barganha moedas.

Pedras no sapato Na outra margem,

No meio das ardências cobiçam tocar a pele.

No corpo, a saudade é uma paisagem.

Antes de Mim

Venho de longe.

Suor sangrando desde o tempo dos meus avós.

Arrasto espelho e cicatrizes.

Calais

Calais.

Lico humano.

Na rua direita um pouco esperta, espia a vida  
Mancha na varredura geográfica.

Capala entre a cortesia e o canário  
Indiferença e incêndio.

Incarnado e carnívoro  
Não é Calais!

O brilho do canto existe mais que galanteios.

Nessa rua o gozo parafusava moedas.

Na outra margem.

As funções copiam focar a pele.

No corpo a verdade é uma paisagem.

Fome

O que a memória

O dorso inteiro no sofá.

Mãos lapidam o ferro.

Pedras no sapato novenam por pecar.

No meio da rua, o grito suicida o ladrão.

Desatam fibras de clausura.

Antes de Mim

Vento de longe.

Suor sangrando desde o tempo dos meus avós.

Arrasto espelho e cicatrizes.

Fome

O corpo inteiro no fogo

Mãos lapidadas o ferro

Pedras no sapato roentem por pecar

No meio da rua, o grito suicida o ladrão

Desatam fibras de clarivida

Brejos, Troncos e Esgrima.

“O que a memória ama, fica eterno”.

Adélia Prado.

Brejos, Troncos e Esgrima.

Debaixo da cama exala a cobica.

Fresta rasgada.

Lobisomem espia o tempo.

Agúcar derramado escorre nos mares.

Nas paredes, as lendas e o suor.

A mobília é outra.

Estrado refeito.

O verme não cobre os gemidos.

Encantado

Lábios em outros lábios.

A Terra congela partidas.

Leste sem despedidas.

Fantasia escondem-se

Menino

Vibra o siso da caverna

Himen limado e alagado

Debaixo da cama exala a cobiça.

Fresta rasgada.

Lobisomem espia o tempo.

Açúcar derramado escorre nos mares.

Nas paredes, as lendas e o suor.

A mobília é outra.

Estrado refeito.

O verniz não cobre os gemidos.

Sobras

Acasalo com toda lua minguante.  
Na outra, lanço os restos do reinado.  
Depois da lonjura, retorna a indiferença.  
Volta o frêmito do instinto.  
Busco heranças.  
Encolhido, lanço profecias.  
Ossos roídos temperam a nova caça.

Encantado

Lábios em outros lábios.  
A Terra congela partidas.  
Leste sem despedidas.  
Fantasias escondem-se no real.  
Vibra o sino da caverna.  
Hímen limado e alagadiço:  
recusa de promessa.  
Dentes de anzóis e torturas:  
línguas de esperança.  
Um violino e seu silêncio ensaiam o vazio.  
Suavidade e delicadeza retardam a caçada.  
Olhos tateiam o farol das promessas.  
O vagalume é o mosqueteiro da lança.  
Ayredia, a lua abre suas pernas.

Nunca mais

Amanhece uma solidão no cio latejante.

Lua maliciosa escava nas esquinas.

Clarão de flechas no hiato da presa.

Deitam as preces.

Água e romaria.

Procissão de desejos ciganos.

Vigília do incerto

Um credo viaja sua carne

Um escudo reprime o macho

Reclusa, a fome sacia o imortal

A saliva escorre na gravata

O oceano sofre os silêncios

Vulno e pau

A inocência resmunga: apenas mais um

Castidade torcido osso

O homem boceja e engole a lua

Um agreste fértil e arado nas católicas

Colheita

Uma jaula rompe a madrugada.

Suavidade e delicadeza retardam a caçada.

Olhos tateiam o farol das promessas.

O vagalume é o mosqueteiro da lança.

Arredia, a lua abre suas pernas.

Nunca mais

Arena

Lua maliciosa escava nas esquinas.

Claro de flechas no hiato da presa.  
A saliva escorre na gravata.

Vinho e pão.

Castidade roendo ossos.

Um agreste fértil é arado nas catedrais.

Terra prometida: afagos do trem,  
leveza das muralhas.

As escrituras de aço tecem a eucaristia da fome.

Barro, lua, um banquete de armas.

Corpos preparados.

Prelúdio nas cavidades do véu.

Um homem em outro homem.

Vigília do incesto

Um credo viaja sua caravana.

Um escudo reprime o macho.

Reclusa, a fome sacia o imortal.

O oceano sofre os silêncios.

A inocência resmunga: apenas mais um.

O homem boceja e engole a lua.

O pássaro assombrado

espia a escuridão da cidade.

O vento rompe a virgindade.

Reza. Benzeduras no bálsamo de canela.

A tradição oculta o pecado.

Colheitas.

Em trinta e seis luas sangram as viúvas.

Troncos de dores incendiam outro santo.

Opaco

Na rua um pastor recolhe sua prece:  
há um sexo que liberta.

Outro, amordaça.

O mendigo atento ouve o som das moedas.

Olha para dentro de si.

Vasculha luxúrias.

Confessionários abrem portas do paraíso.

Dilúvio infantil recolhe as vísceras da batina.

A fome sangra: videntes anunciam o profano.

Barro, lua, um banquete de armas.

Corpos preparados.

Prelúdio nas cavidades do véu.

Um homem em outro homem.

Nós

A luz finge ser o suor do peão.

Revira a quietude do corpo.

A janela aberta acolhe o estrangeiro.

Aguda é a morte.

Deserto

Retalhos de tantos eus.

Festa de São João. Moeda e recado.

Em meio a fogueira, a lua tece seus feitiços:  
o padre rouba os morangos.

Reza. Benzeduras no bálsamo de canela.

A tradição oculta o pecado.

Colheitas.

Em trinta e seis luas sangram as viúvas.

Troncos de dores incendeiam outro santo.

Opaco

Na rua um pastor recolhe sua prole

Há um sexo que liberta

Outro, amarração.

O mendigo atento ouve o som das moedas.

Olha para dentro de si.

Vasculha luxúrias.

### Sedução

Vestiu-se de místico e brincava de encantar.

Escondia as dores e os abandonos.

Do ouvido insano abriu-se um vagalume.

Era saturno a sua espera.

Nós

A luz finge ser o suor do peão.

Revira a quietude do corpo.

A janela aberta acolhe o estrangeiro.

Aguda é a morte.

Retalhos de tantos eus.

Vidraça

A esfinge explode em larvas.

Consagra a hóstia em agonias.

Recolhe as subras, lâminas de carne.

Um acará azul adormece, lágrima partida.

No oceano, o exílio da inocência em duelo.

## Relento

O tempo retorna na escritura do pacto.  
Ressoa o luto na cavidade da memória.  
Espessuras da vida lacerada.  
O grito acorda as cerejas.  
Inocentes abrem os segredos.

## Sedução

Vestiu-se de místico e brincava de encantar.  
Escondia as dores e os abandonos.  
Do ouvido insano abriu-se um regaume.  
Era saturno a sua espera.

## Mulher

Olhou os braços erguidos.  
Nas mãos em vidro um punhado de pólvora.  
A mesa vermelha de esperança agonizava.  
Os cães não corriam sozinhos.

## Vidraça

A esfinge explode em larvas.  
Consagra a hóstia em agonias.  
Recolhe as sobras, lâminas de carne.  
Um acará azul adormece, lágrima partida.  
No oceano, o exílio da inocência em duelo.

Relento

O tempo retorna na escritura do pacto  
Ressoa o luto na cavidade da memória.  
Espessuras da vida lacerada.  
O grito acorda as cerejas.  
Inocentes abrem os segredos.

Viajante

Anoiteceu nas fissuras da carne.  
Incendiou o último rasgo de água.  
Cintilante e estéril ecoam as brasas.  
A torre incha em restos de ruínas.  
Desassossego da alvorada.

Mulher

Olhou os braços erguidos.  
Nas mãos em vidro um punhado de pólvora.  
A mesa vermelha de esperança agonizava.  
Os cães não corriam sozinhos.

Era um homem.  
Tinha pelos e barba por fazer.  
O desejo acendeu o crepúsculo.  
Incendiou no paiol o sangue marcado.  
Corre à seiva e explode o caule.  
Roca um corpo igual.  
Enterrou todas as vidas.

## Mordaça

Aprendi a esquecer.  
Não esse esquecimento da memória.  
Nem anulei do corpo as tradições.  
A aurora tem o sabor das chibatas.  
Esqueci o cavalgar das palavras na alma.

## Viajante

Anoiteceu nas fissuras da carne.  
Incendiou o último rasgo de água.  
Cinilante e estéril ecoam as brasas.  
A torre incha em restos de ruínas.  
Desassossego da aborçada.

## Sonhador

A cegueira além da imagem é dor.  
Olhos abertos mentem.  
A língua confunde os dentes.  
Engole o próprio sangue.  
Tragédias no caos imaginário.

## Tigres

Havia vinte anos que a boca estava murcha.  
Era um homem.  
Tinha pelos e barba por fazer.  
O desejo acendeu o crepúsculo.  
Incendiou no paiol o sangue marcado.  
Corre a seiva e explode o caule.  
Roça um corpo igual.  
Enterrou todas as vidas.

Montagem

Aprendi a esquecer

Não esse esquecimento da memória

Nem anulei do corpo as tradições

Brilho

Havia vinte anos que a boca estava murcha.

Nenhum toque.

Nenhum carinho.

Nenhum beijo: vida esquecida.

Nos restos da mão um batom perdido.

Reflexo vermelho nos lábios.

Instinto luminoso acorda o corpo e suas náuseas.

A chuva assovia outra mulher.

Sonhador

A cegueira além da imagem é dor.

Olhos abertos mentem.

A língua confunde os dentes.

Engole o próprio sangue.

Tragédias no cais imaginário.

Rangidos

O aceno denuncia as vestes da boca.

Do outro guarda o intestino.

Ressoa nas dobradiças a pureza da porta.

O pássaro apoiava o corpo e sua única perna.

A póvora floresce no campo aberto.

## Cobiça

Na estante amarela,  
uma coroa de bronze brinca a infância.

Mapas, romances e ódios.

Disputa da inocente rainha.

O tabuleiro cavalga na praia de açoites.

No cortejo a serviçal deseja o favo nupcial.

Havia vinte anos que a boca estava murcha.

Nenhum toque.

Nenhum carinho.

Nenhum beijo: vida esquecida.

Nos restos da mão um batom perdido.

Reflexo vermelho nos lábios.

Instinto luminoso acorda o corpo e suas náuseas.

A chuva assovia outra mulher.

## Desabitado

A única presença naquele quarto  
era o silêncio do porta-retratos.

## Rangidos

O aceno denuncia as vestes da boca.

Do outro guardo o intestino.

Ressoa nas dobradiças a pureza da porta.

O pássaro apoiava o corpo e sua única perna.

A pólvora floresce no campo aberto.

Cobiça

Na estante amarela,  
uma coroa de bronze brinca a infância.

Mapas, romances e ódios

Disputa da inocente rainha.

O tabuleiro cavalga na praia de apótes.

No cortejo a serviço deseja o feroz nupcial.

Ranidos

Gravetos

O acerto denuncia as vestes da boca.

Do outro graveto

o carretel deságua em curva de promessas.

Na margem explode orgasmos de lua cheia.

Descanso à espera dos famintos.

Desabitado

A única presença naquele quarto  
era o silêncio do porta-retratos.

Camas repartidas.

O gato acostuma-se no frio da casa.

Adiverço ao lado da geladeira.

Maldição

Infinito é o tempo da lâmina.

Memória dos esquecidos.

O abismo dos olhos devora o sol.

Um gemido no corpo exclama tua presença.

Maldição de um beijo.

Sem rima □

A garganta do lagarto lembra a cor da gravata.

Feitiços de eternidade latejam.

Camas repartidas.

O gato acostuma-se no frio da casa.

Adormece ao lado da geladeira.

Tortura

A pólvora que voa das mãos

não alcança os sussurros.

No destempero da carne;

a fome desce ao gozo.

Passos na avenida caçam o aprisionado.

Rasteja a embriaguez do bálsamo.

Rendição abaixo do umbigo.

Maldição

Infinito é o tempo da lâmina.

Memória dos esquecidos.

O abismo dos olhos devora o sol.

Um gemido no corpo exclama tua presença.

Maldição de um beijo.

Sem rima

A garganta do lagarto lembra a cor da gravata.

Feitiços de eternidade latejam.

Camas repartidas.

O gato acostuma-se no frio da casa.

Adormece ao lado da geladeira.

Vigília

Acomodei de frestas o tempo.

A cadeira de balanço range.

Era um vai e vem do vento.

Partes de um ontem adormecido.

Tudo teima em ser noturno.

Tortura

A pólvora que voa das mãos  
não alcança os sussurros.

No destempero da carne,  
a fome desce ao gozo.

Passos na avenida caçam o aprisionado.

Rasteja a embriaguez do bálsamo.

Rendição abaixo do umbigo.

fazia outra pele na inocência.

Beberam vinho destilado.

Saborearam pão de almas.

Dissolveu na água a terra infértil.

O bezeiro fez rebanho.

Latejaram destinos.

Alegorias do curral.

## Estupidez

Fronteira do olhar que se esconde.

Uma chuva soberana de alecrim.

O monge lava sua língua.

Dor de água dormente.

Espectral é a donzela.

O vândalo abre a louça.

Acomodei de frestas o tempo.

A cadeira de balanço range.

Era um vai e vem do vento.

Partes de um ontem adormecido.

Tudo teima em ser noturno.

## Das promessas

Eu disse que era selvagem.

Você disse que queria experimentar.

Acreditei em inocências.

Entorrei a língua no teu lábio.

Carneiros

Gemidos e tempestades naquela tarde.

Você disse, é esse meu destino.

Era o abalo do suor na casa fria

fazia outra pele na inocência.

Beberam vinho destilado.

Saborearam pão de almas.

Dissolveu na água a terra infértil.

O bezerro fez rebanho.

Latejaram destinos.

Alegorias do curral.

Estupidez

Fronteira do olhar que se esconde.

Uma chuva soberana de alecrim.

O monge lava sua língua.

Dor de água dormente.

Abismo

O vândalo abre a louça.

Enterrei o último mar.

Vertigem.

Flutuava no abismo da invenção.

Visitei formigas, nunca formigueiros.

Nunca, nem a morte encontrou.

Vazios.

Um homem sem o seu homem.

Das promessas

Eu disse que era selvagem.

Você disse que queria experimentar.

Acreditei em inocências.

Enterrei a língua no teu útero.

Gemidos e tempestades naquela tarde.

Você disse, é esse meu destino.

Era o abismo, eu queria apenas amar.

Na alma o peso do esquecimento.

Mordaças desalinham o campo.

O vermelho dilacera o rio.

Açudes e lírios morrem.

Ainda, saudades.

Destino

Era uma seda.  
Nem sei se de pano ou papel.  
Apenas recolhia o líquido embebido.  
Nas noites abria seus túmulos.

Vertigem

Flutuava no abismo da invenção.  
Visitei formigas, nunca formigueiros.  
Nunca, nem a morte encontrou.  
Vazias  
Um homem sem o seu homem.

Mar do Sul

A casa toda à meia luz.  
Raspei as sombras.  
Enterrei as sombras.  
Pela janela desenterrei silêncios.  
Beije a morte.  
O mar em sua avareza acorrentou as águas.

Coisas guardadas

Estilhaços de cristais.  
Na alma o peso do esquecimento.  
Mordaças desalinham o campo.  
O vermelho dilacera o rio.  
Açudes e lírios morrem.  
Ainda, saudades.

Destino

Era uma seda.

Nem sei se de pano ou papel.

Apenas recolhia o líquido embebido.

Nas noites abria seus túmulos.

Aldeia

Dividi meus eus.

Estilhaços de cristais. Férteis.

Tentação.

Lamparina e óleo incendiavam o adormecido.

Esvaziados, vento e fogo.

Combate.

Chama e cais.

Mar do Sul

A casa toda à meia luz.

Raspei as sombras.

Enterrei as sobras.

Pela janela desenterrei silêncios.

Beije a moldura.

O mar em sua avareza acorrentou as águas.

O paraíso é um tormento de cruces e penitências.

No pavir das grutas,  
sete vidas de setenta amores.

Refúgio de virgindades.

Na cova rasa apodrecem esperanças.

O sol esconde da carne o orgasmo.

Oração

Num esconderijo uma secreta lua lambe a vagina.

Fiel em sua lâmina, voam pássaros ferinos.

Venenos íntimos, corrompem.

Nascem meninos com suas lanternas.

Fugir

"Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem,  
conforme esperas e sofrências.

O paraíso é um tormento de cruzes e penitências.

entre a vontade de serem No porvir das grutas,  
me roubar sete vidas de setenta amores.

Refúgio de virgindades.

Na cova rasa apodrecem esperanças.

O sol esconde da carne o orgasmo.

## Oração

Num esconderijo uma secreta lua lambe a vagina.

Fiel em sua lâmina, voam pássaros ferinos.

Venenos íntimos, corrompem.

Nascem meninos com suas lanternas.

Fugiu

O paraíso é um tormento de carnes e penitências.

No porvir das grutas,

sete vícios de setenta amores.

Refúgio de virgindades.

Na covil das raposas esperanças.

O sol esconde da carne o orgasmo.

## Assobios Eternos: Migratórios

“Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem,  
conforme esperas e sofrências.  
Mas as lembranças desobedecem  
entre a vontade de serem nada e o gosto de  
me roubarem do presente”.

Mia Couto.

## Assobios Eternos: Migratórios

Etéreo

O pássaro ventou sua roupagem em pleno voo.

Pousou nu.

Segunda Audácia

Abrços do mar.

O caçador carrega chibatas e palavras.

No olho do pirata, âncoras, raízes secas.

Aços de dor.

O tempo envergonhou-se de grades.

Possível

Etéreo

O pássaro ventou sua roupagem em pleno voo.

...  
Pousou nu.

Posseiro

As gavetas do corpo escondem partidas.

Escorre da virilha a fibra do algoz.

Inquilinos vigiam a mão.

Sussurros entre dentes.

Num cômodo isolado, açoites da infância.

Segunda Audácia

Abraços do mar.  
O caçador carrega chibatas e palavras.

No olho do pirata, âncoras, raízes secas.

Nas viagens comprou tesouras.  
Aços de dor.

Queria não O tempo envergonhou-se de grades.

Jogava mistérios.  
Oferecia um império feito de corais helênicos.

Engolia palavras mencia exaladas:

abraços no precipício.

Mel e mela no campo verde.

Alcova arde na estética da covis.

Amor se nega à mesa.

Leitões expostos no oceano.

Entre as Proteas: nada e eu.

Entrega

Mel e maçã no campo arado.

Alcova arde na estética da cova.

Amor se nega à mesa.

Lençóis expostos no oceano.

Entrega de Proteu: nada e eu.

Helênico

Ele fingia ser Antônio.

Não escondia a brutal leveza

que dormia com Dionísio.

Nas viagens comprou tesouros de recato.

Queria não sei o quê dos prostíbulos libertos.

Jogava mistérios.

Oferecia um império feito de corais helênicos.

Engolia palavras nunca exaladas:

abraços no precipício.

Ele fingia ser Antônio.

Sombras

Havia hematomas na cavidade das palavras.

No convento praguejavam as contas do rosário:  
nenhum milagre.

O lobisomem vestiu-se de encantado.

Anunciava as travessias esmagadas de virgindades.

Desnuda a carne.

Era instinto.

Descoberta.

Estéril gozo do beija-flor.

Profecia

Tangerinas anunciam a chegada.

O desejo é canção que em nada se fixa.

Vagueia num cortejo de afetos.

Lâmina selvagem, feroz.

Exótico é o rio carregando o pouco das margens.

Ausência latejante.

Servidão. Força corrosiva.

Rupturas na terra ardida.

A memória é ruína líquida.

## Agonias

O carcereiro entrega sorrisos.

Abre na escuridão a rudeza das sombras.

Miragem de carnívoros lambem as paredes.

Uma goteira renuncia o grito.

Jejum despido de rosto invade o deserto

- tronco e medula da seiva animal -.

Amordaçados cicatrizam a eternidade.

## Trigo

Argila e cristais acasalam.

Fúria das marés.

A cisterna revira todos os ontens.

A fumaça escapa da pulsão.

A primeira vez foi amor.

Depois, nunca mais aconteceu.

Arremessa a voz da virilha.

Desentendido, há o lugar aberto.

No fluxo do arrozal, ausências reinventadas.

A memória queima o mistério nômade.

Imaginário

Querias o abstrato.

O invisível.

A roda da carruagem, metade.

A outra, denúncia.

O erro ecoou em portas abertas:

sendas sagradas da permissão.

Consenti.

O beijo foi além da fome.

Pássaro sem ninhal.

Sem vínculo.

Imbituba

O corpo em folha navega pelo mar.  
Chega embalsamado no cipó de Imbé.  
O afeto é paisagem profanada.  
Na casa,  
clareza incendeia a teia habitada de cipoal.  
Odor litorâneo.  
Carijó desfila seu adorno nu.  
Prisioneiro das embiras,  
rasga o peito nos rituais.  
Canta uma egrégora.  
Adormece.  
A língua escraviza a virilha.

Número 2

Um diabo tentador, luminoso rompe impulsos.  
O pulsar do pássaro desliza na fragilidade das mãos.  
É o pouso.  
O sabor é mais que alimento: imola os alívios.  
O corpo onírico é passagem.  
A poesia, sua lâmina!

Um diabo tentador, luminoso sempre impulsos.

O pulso do pássaro desliza na fragilidade das mãos  
O corpo em folha navega pelo mar.

Hora de partir

Amassado no cipó de Imbé.

O sabor é mais que alimento: é o amor  
O afeto é paisagem profanada.

O corpo ornado é o corpo ornado.

Juras de redenção.

Porões na hora do prazer.  
A casa habitada de cipoal.

Impulso de submissão.

Escavidão.  
A fila seu adorno ru.

Raspei todos os pelos.  
As penas das penas.

No canto da cidade, nova personagem.

O desejo, sonâmbulo.

No vazio de amor veio à fome.

Frestas do abate.  
A virilha a virilha.

Subverto o lugar da vagina.

Véus em mãos femininas.

Carrego nas entranhas nove meses.

Sutiãs e jaulas abrem os grillhões.

Todos são vazios.

Um gato dispensa a vida.

Nunca o depois

A vintez do suspiro contorpe as colinas.

A porta espia a renúncia.

Os sapatos espertam o efeito das ruas.

Subverte o lugar da vagina.

Vêz em mãos femininas

Carrico nas entranhas nove meses

Suadas e jantares abatem os grilhões

Juras de redenção.

Porões na hora do prazer.

Impulso de submissão.

Escravidão

Nunca o depois

Raspa todos os pelos.

No canto da cidade, nova personagem.

A viuvez do suspiro corrompe as colinas.

A porta espia a renúncia.

Os sapatos esperam o afeto das ruas.

Ning Drama da infância.

Foram que Luto e luta entre fantasmas.

O divino se repete na farsa.

Sombras Atravessa a ponte da abolição.

O homem solitário ou Todos são vazios.

Um gato dispensa a vida.

Abóboras espiaram fuxpos do ovalho.

Descença

Na greja fez benzedeiras no corpo santo.

A imagem não era do amor.

Tonco algoz.

Diznos calam as confissões.

Drama da infância.  
 Luto e luta entre fantasmas.  
 O divino se repete na farsa.  
 Avarice e ponte da abolição.  
 Todos são vazios.  
 Um gato dispersa a vida.

## Descrença

Nunca o depois

Na igreja fez benzeduras no corpo santo.

A imagem não era do amor.

Tronco algemado.

Dízimos calam as confissões.

Ninguém antes era assim.  
 Foram queimados os cultos, véus e calças.  
 Lábios velaram a língua.  
 Sombras adormeceram na cama ao lado.  
 O homem solitário ouviu o canto valente.  
 O galo gemeu seus raios.  
 Abóboras espiaram fiapos do orvalho.

A castiçã era o desejo depois da lei.  
 Uma cavalaria infame e desnuda.  
 Fantasias e desejos na tribo do Mar Negro.  
 Nenhum castigo mais que a paixão.  
 No fêlar da navalha a incompletude do carasco.  
 Vés a dor?

Certeza

A castração era o desejo depois da lei.  
Uma cavalaria infame e desnuda.  
Fantasias e desejos na tribo do Mar Negro.  
Nenhum castigo mais que a paixão.  
No felar da navalha a incompletude do carrasco.  
Vês a dor?

Abraços

O invisível chegou nos lábios.  
Havia palavras na nudez.  
O homem era puro e humano:  
Espera cristal sem espelhos.  
Chegou com suas águas e sem roupagem.  
Fez o bruxo no fascínio de Garça Preta.

O invisível chegou nos lábios  
 Havia palavras nas ruínas  
 O homem era puro e humano  
 cristal sem espelhos  
 Chegou com suas águas e sem tombores  
 Fez o bruxo no fascínio de Garças

Oferenda

A castração era o desejo depois da lei.  
 Uma cavalaria infante e desnuda.  
 O corpo nega a castidade.  
 Fúria estrangeira no covil dessalgado.  
 Noite de corpo barbado.  
 Colheita de moedas.  
 Fédon e sua liberdade.

O cardume rumina seus segredos.  
 Imola o sabor do amado.  
 Afoga seu adultério.  
 Espera punhado de sombras,  
 na infatigável memória da lua.

Debaixo da roupa não havia mais nada.  
 O cárcere é a porta do infinito.  
 Mutação do homem na infância tua.  
 Refugiado acaricia o desconhecido.  
 Um ruído sombrio dentro do outro.  
 A janela cega a vidrosas companhias.  
 Um quebra-rosas intil na vitrola.  
 Passos escondidos no outro lado da rua.

Amante

O cárcere é a porta do infinito.

Mutilação do homem na infâmia nua.

Refugiado acaricia o desconhecido.

Um muro sombrio dentro do outro.

A jaula cega a ardilosa companhia.

Um quebra-nozes inútil na vitrola.

Passos escondidos no outro lado da rua.

Beira-mar

Malabarismo de línguas e pés.

O abismo reconhece a dúvida.

Formigas e Cristais num peito laranja.

No Mortalhas de perigo e anunciação.

Intervalos calados de anônimos.

Debaixo da roupa não havia mais nada.

O corpo escava a liberdade nos ladrilhos do oceano.

Os porteiros aguçam o flanco abissal das mares.

Os nos lugares em que a liberdade da ausência é tangível.

A água sussurra afetos.

Levemente acaricia a nudez que esconde.

Insisto no mosaico de pés que lambem a virtude.

No entardecer o sol é um azul farfado.

Costuras cicatrizes

Um raio traz o apocalipse.  
A virilha lambe a madrugada.  
Formigas carregam o fardo do inverno.  
No lado da calçada, outro adormecido.  
O medo do medo é submisso.  
O pião gira a trava da jaula.  
O corpo escava a liberdade nos ladrilhos do oceano.

Malabarismo de línguas e pés.  
O abismo reconhece a dívida.  
Cristais num peito latante.  
Mortalhas de perigo e anunciação.  
Intervalos colados de arítmicos.

Amor

Os ponteiros aguçam o fluxo abissal das marés.  
Lá, nos lugares em que a liquidez da ausência é tangível,  
a água sussurra afetos.  
Levemente acaricio a nudez que escondes.  
Insisto no mosaico de pés que lambem a virilha.  
No entardecer o sol é um anzol farpado:  
costura cicatrizes

Três estalos no vento.  
A chibata acorda a madrugada.  
O pulsar forte das mãos é uma dádiva.  
O homem olha a primeira rua.  
Descobre o universo.  
O canário não voa por estupidez.

Volúpia

A vingança vem um pouco depois da última palavra.  
Muros em declínio.  
A luz não reage a nenhum carinho que inflige.  
O instinto devora o acasalamento:  
escravo da excitação em prece.  
A tristeza adormece na despedida.  
Um arame nos olhos.

Das coisas complexas

Esperava todos os dias.

O encantamento das horas o enganava.

Uma ardência confusa

na alma barganhava as renúncias.

Na madrugada de Sirius dormiam juntos.

Amanhecia a solidão.

Nudez

Nunca chorou duas vezes o mesmo carmim.

Nunca sorriu duas vezes no mesmo hímen.

Tinha um inventário das coisas únicas.

No espelho rabiscou dois retratos.

Brinquedos da infância.

## Audácia

O encantamento das horas o enganava.

Uma audência confusa

O amor ensaia os lábios.

Devora a esfinge e os ossos.

Sapatos naufragam na ladeira.

Uma mesa e seu esquecimento.

Mas que Sobre o ventre quebram estalactites.

Carcaças.

O Hemisférios em dor.

Nos lábios ardam palavras.

Descoberto das folhas de lâ,

quis reviver os dias.

Despido estava o colar da morte.

A lenha é obscura.

No açougue havia restos de animais.

O rio era sempre estressado pelas coisas que carregava.

atravessando a cidade.

Um dia despitou a torça e suspiro a mulher.

Se fez em dois: ninguém mais olha suas margens.

Uma mesa e seu espalhamento

Sobre o ventre quebram estaladas

Carcças

Hemisférios em dor

## Partidas

Audiência

O rio era sempre estressado pelas coisas que carregava,  
atravessando a cidade.

Um dia desabituou a roupa e suspirou a nudez.

Se fez em dois: ninguém mais olha suas margens.

## Perfume

Solto no curral, com Era assim, de meia idade.

Mas que isso, depois e um pouco mais tarde,

Agasalhou toda nem importava.

Carregava um O semblante trazia o sol.

Nos lábios ardiam palavras.

Descoberto das folhas de lã,

quis reviver os dias.

Despido estava o colar da morte.

obímido. A lenda é obscura.

sovin No açougue havia restos de animais.

Desvestiu o povoado.

Suspirou suavemente.

Adornecera em prantos.

Do útero tangem ossos.

Esta assina de mais ideal  
 Mas que isso, depois e um pouco mais tarde  
 nem importava.

O semblante trazia o sol.  
 Nos lábios traziam palavras.

Descoberto das folhas de  
 pois reviver os dias.

Despido estava o colar da morte.

O cão quebrou o gemido.

Foi tecer a castidade no rasgo de outros uivos.

Desvestiu o povoado.

Suspirou suavemente.

Adormeceu em prantos.

Do infinito rangem ossos.

Solto no curral, corria o sangue sem malícia.

Liberto da servidão, trazia um círio na virilha.

Agasalhou todas as metades.

Carregava uma sombra nos ombros.

Vitral de renúncias.

O menino verde seu nome.

Ausência de paisagem.

Nem curral, nem estroco.

Do vazio explode o sabor da moeda.

No asfalto o homem, sua nudez e o frio.

Lança o veneno da serpente.

Solto no curral, corria o sangue sem malícia.  
Liberto da escravidão, trazia um circo na virilha.  
Agasalhou todas as metades.  
Carregava uma sombra nos ombros.  
Vital de ventricias.

Eclipse

O menino vende seu nome.  
Ausência de paisagem.  
Nem curral, nem esterco.  
Do vazio explode o sabor da moeda.  
No asfalto o homem, sua nudez e o frio.  
Lateja o veneno da serpente.

Nenhum. Virgem é a folha que deita no rio.  
Pulsa sua flor de maracujá.  
Velas no dorso de Netuno.  
Cego, o labirinto borda o existir.  
Enganosa é a sombra. Aceito ser vento.

Uma rua e uma fronteira.  
Passos alargam o medo e a injustiça.  
Invade o conflito e o território.  
Enlaca o direito com a morte.  
Humano... mistério confiado.

Existir

Vagem e a folha que deita no rio.

Pulas sua flor de maracujá.

Velas no dorso de Netuno.

Cego, o labirinto porta o existir.

Acelto ser vento.

Eclipse

Refugiado

O menino vende seu nome.

Uma rua e uma fronteira.

Passos alargam o medo e a injustiça.

Invade o conflito e o território.

Enlaça o direito com a morte.

Humano ... migratório confinado.

Migrante

Nenhuma rua é escura na alma migratória.

A moeda compra a travessia.

Imola a liberdade.

Sementes florescem azaléas.

Enganosa é a sombra: não cabe nenhum.

O que fica

Benzedura

Destino solitário

Distorcido é o abismo da repetição

A fugição dos ossos é mutável

O testamento da solidão corre com o rio

Nenhuma rua é escuro na alma migratória.  
A moeda compra a travessia.  
Imola a liberdade.  
Sementes florescem azedas.  
Engarrosa é a sombra: não cabe restar.

### O que fica

Benedura. *uma fronteira.*  
Destino soletrado. *medo e a injustiça.*  
Distorcido é o abismo da repetição.  
A fuligem dos ossos é mutável.  
O testamento da solidão corre com o rio.

A felicidade ardeu nos ossos.  
Ao ajoelhar, pronto alívio.  
O luto era o frescor.  
Entalhe no olho.

Anoiteceu no paraíso.  
O mar abriu as covas da consciência.

A boca silencia os rastos.  
Gritos efêmeros como da virilha.  
A língua, estilha imaginária.  
gota dentro dos olhos.

A felicidade arde nos ossos.

Ao ajoelhar, pronto alívio.

O luto era o frescor.

Entalhe no olho.

O que fica

Aragem

A boca silencia os rasgos.

Gritos efêmeros ecoam da virilha.

A língua, estátua imaginária,

goteja dentro dos olhos.

De olhos fechados

Arrancou o braço do menino.

Comeu seu intestino.

O tormento não era a fome:  
embarcação sem guarda-vidas.

Anoiteceu no paraíso.

O mar abriu as covas da consciência.

Restinga

Juntei retalhos.

Peles antigas ainda roçam o lençol.

Lâminas aquecem a embriaguez do tempo.

O mar intumescido.

O cheiro de tangerinas ergue o rochedo.

Fome do aço no dorso da nuvem.

Memória e virilha ardem.

Liberdade

O peixe aprendeu a voar.

Recusou rede de encantos.

Inventou a profecia de Ícaro.

Aconselhou-se com a Lua.

Guardou oferendas.

Fez vigília nas tardes de arco-íris.

O mar acolheu o pouso.

O feixe apreendeu a voz

Recusou rede de encantos

Inventou a profecia de leão

Aconselhou-se com a Lua

Guardou o silêncio

Fez vigília nas tardes de arco-íris

Lugar nenhum

Juntei retalhos.

Pele antigas ainda roçam o lençol.

Era primitivo.

Posse e feixe nas mãos.

Atravessou trinta pontes.

Castrou horizontes.

Nunca partiu.

“Os olhos deixam o favol das promessas”

Pássaros

Os poemas de Marcos Luffin, nesta Cópia de Pássaros, encontram o leitor, mas não o deixam desarmado. Ao contrário, avistam sentidos que não desde a surpresa por uma metáfora que

Olhei para o céu.

Semente e nuvens.

Aquela revoada fertilizou a solidão.

Como o leitor pode ver, o livro é composto por três partes: a ancestral que aparece como espigão de luz; a esgrima que brevemente aponta para os jogos amorosos e a migração, em assobios eternos que chamam a parcerias/o parceiros. Tudo neste livro me leva a esta relação: tão enlaçada, embriante e ao mesmo tempo tão assistadora porque exige a entrega, ainda que curta, qual esgrima palavras e fugas. Como em:

Fim

O dorso inteiro se acifa.

Mãos lapidam o ferro.

Pélias no sapato noverum por pizar

No nico da rua, o grilo acorda o latrão

Desatam fibras de clausura.

## “Os olhos tateiam o farol das promessas”

Os poemas de Marcos Laffin, neste Cio de Pássaros, encantam o leitor, mas não o deixam desavisado. Ao contrário, avivam sentidos que vão desde a surpresa por uma metáfora que “finge a realidade” e, ao mesmo tempo, é o modo com que podemos compreender esta mesma realidade até os versos que consomem os sentimentos por fazerem aflorar à pele o passado, vivido ou sonhado, pois “no corpo, a saudade é uma paisagem”.

Como o leitor pode ver, o livro é composto por três partes: a ancestral que aparece como espigão de luz; a esgrima que brejeiramente aponta para os jogos amorosos e a migração, em assobios eternos que chamam a parceira/o parceiro. Tudo neste livro me leva a esta relação tão enlaçada, inebriante e ao mesmo tempo tão assustadora porque exige a entrega, ainda que cada qual esgrima palavras e fugas. Como em:

Fome

O dorso inteiro no sofá.

Mãos lapidam o ferro.

Pedras no sapato novenam por pecar.

No meio da rua, o grito suicida o ladrão.

Desatam fibras de clausura.

Chamo este poema, poderia ter chamado outro. Mas neste vejo o dorso feminino no sofá com mãos que lapidam o ferro (o pênis?), nesta “novenam por pecar”, que remete precisamente à proibição do amor, enclausurado pela cultura cristã, em fibras que atam os sentimentos. Mas há fome.

Há neste pequeno poema um jogo entre o religioso (novena, clausura) e o pecaminoso (dorso, lapidar o ferro, suicidar o ladrão). Ao mesmo tempo, o pecaminoso é elevado à categoria religiosa, como todo ato de amor é religiosamente realizado em sua violência carinhosa. O pecado deixa de ser violência carinhosa. O pecado deixa de ser transgressão: é parte da novena que desata como o desejo desliga o corpo das reações insidiosas da consciência.

Não há uma chave para ler Marcos Laffin. Talvez o melhor modo é acompanhá-lo e se deixar levar. Surpreender-se solto e conduzido. Deixar que o fogo imponha o voo para suas próprias memórias amorosas, porque “não é a palavra que agoniza.”

Enquanto isso, “um violino e seu silêncio ensaiam o vazio” que advém da escaramuça entre todas as dicotomias com que fomos brindados em nossa formação: o bem e o mal; o prazer e o pecado; a paixão e a lucidez. O vazio estaria

na barra que separa? No espaço não preenchido das mil e uma possibilidades?

Não falta em Cio de Pássaros os gritos que desaparecem nas águas do Mediterrâneo do presente:

Uma Dor Eterna

Um barco azul.

Outros homens negros.

No mar a fúria branca refaz navios negreiros.

Do pesadelo acordam no paraíso do messias.

Sem moedas adormecem no mediterrâneo.

São gritos de migração forçada que vem transformado o Mediterrâneo num cemitério de fugas dos regimes de violência na região mediterrânea da África. No jogo do barco “azul” de “homens negros” trânsfugas de um pesadelo. Acordam no paraíso do messias: as águas do mar.

Mesmo havendo poemas como este, o que perdura durante todo o livro é o jogo amoroso, nem sempre o amor canônico, que vai da luz (no espigão), à esgrima das aproximações e desamparos para chegar às migrações do amor, que só é eterno enquanto dura como ensinou o poeta Vinícius de Moraes. Da esgrima de aproximações e desamparos, destaco o poema que desvela um amor nem

sempre consentido, em que as imagens fortes e concretas descrevem o amor carnal em sua explosão e violência:

#### Tigres

Era um homem.  
Tinha pelos e barba por fazer.  
O desejo acendeu o crepúsculo.  
Incendiou no paiol o sangue marcado.  
Corre a seiva e explode o caule.  
Roça um corpo igual.  
Enterrou todas as vidas.

Os movimentos migratórios da terceira parte do conjunto de poemas se iniciam com uma epígrafe de Mia Couto, e desde então já se sabe que as lembranças têm “gosto de me roubarem do presente”. As migrações não são movimentos para fora, mas para dentro: lembranças!:

O poema Sombras pode mostrar este movimento metafórico – toda metáfora leva de um lugar a outro em pensamento com que lembranças ressuscitam novas de sentidos, e às vezes nos mostram um desvalimento do passado que presente será carregado no futuro. Não adianta voar como Ícaro e se aconselhar com a Lua. A queda já houve.

Agora, depois da esgrima, resta ouvir o passado e lhe dar sentidos migrantes.

#### Sombras

Havia hematomas na cavidade das palavras.  
No convento praguejavam às contas do rosário:  
nenhum milagre.  
O lobisomem vestiu-se de encantado.  
Anunciava as travessias esmagadas de virgindades.  
Desnuda a carne.

E eis que reaparece no poema o jogo entre o religioso e o profano divinizado pelas “esmagadas virgindades”. Este achado de uma virgindade que é esmagada, não perdida, é rebatido pela carne desnuda, que não significa nudez da carne, um corpo nu, mas em um corpo desnudada a carne! É uma sequência de imagens extremamente fortes e poéticas: da prosa do cotidiano extrai Marcos Laffin a sabedoria do poema, sempre uma graça verbal do inusitado que esfrega as palavras em sua cavidade, em suas dobras, fazendo-as dizerem mais do que poderiam dizer.

Esta é a arte da poesia. E o poeta Marcos Laffin sussura cios de homens e pássaros num tempo em que matamos os beija-flores.

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Marcos Laffin - Poemas - Cio de Pássaros

Mara Cristina Fischer Rese – Revisão

Veronica Yanina Hmeljevski – Projeto Gráfico e Diagramação

Foto Capa – Matias Hmeljevski Ternes

## CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Helena Dal Molin

Olga Regina Zigelli Garcia

Dúnia de Freitas

Rita de Cássia Alves

## EXECUÇÃO

Adriana Laffin – Jornalista

Marlei Magro - Relações Públicas

Raul Schmitt – Publicitário

**apoio**  
editora de textos

Apoio Editora de Textos

[www.apoiocomunicacao.com.br](http://www.apoiocomunicacao.com.br)

2017

Florianópolis Santa Catarina

(48) 3223-4647

COMISSÃO ORGANIZADORA

Marcos Laffin - Poemas - Cin de Passaros  
Mara Cristina Fischer Resc - Revisão  
Véronica Yarina Hrnajevski - Projeto Gráfico e Diagramação  
Foto Capa - Matias Hrnajevski Ternes

CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Helena Dal Molin  
Olga Regina Zibelli Garcia  
Diana de Freitas  
Rita de Cassia Alves

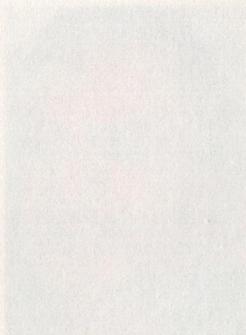
EXECUÇÃO

Adriana Laffin - Jornalista  
Marta Magro - Relações Públicas  
Raul Schmitt - Publicitário

Após Edição de Textos  
www.apoiocomunicacao.com.br  
207  
Flamengo Santa Catarina  
(48) 322-4647



Marcos Laffin  
Marcos Laffin



PRINCIPAIS OBRAS DE

São Paulo de Deus - 1981  
São Lourenço de São Paulo - 1984  
São Paulo de Deus - 1989

LIVRO DE POEMAS

1981 - Editora - 1981  
1982 - Editora - 1982  
1983 - Editora - 1983  
1984 - Editora - 1984  
1985 - Editora - 1985  
1986 - Editora - 1986  
1987 - Editora - 1987  
1988 - Editora - 1988  
1989 - Editora - 1989  
1990 - Editora - 1990

PARTICIPACAO EM ANTOLOGIAS

1981 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1982 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1983 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1984 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1985 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1986 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1987 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1988 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1989 - ANTOLOGIA DE POEMAS  
1990 - ANTOLOGIA DE POEMAS

PARTICIPACAO EM REVISTAS

1981 - REVISTA DE POEMAS  
1982 - REVISTA DE POEMAS  
1983 - REVISTA DE POEMAS  
1984 - REVISTA DE POEMAS  
1985 - REVISTA DE POEMAS  
1986 - REVISTA DE POEMAS  
1987 - REVISTA DE POEMAS  
1988 - REVISTA DE POEMAS  
1989 - REVISTA DE POEMAS  
1990 - REVISTA DE POEMAS

PROJETOS CULTURAIS

1981 - PROJETO CULTURAL  
1982 - PROJETO CULTURAL  
1983 - PROJETO CULTURAL  
1984 - PROJETO CULTURAL  
1985 - PROJETO CULTURAL  
1986 - PROJETO CULTURAL  
1987 - PROJETO CULTURAL  
1988 - PROJETO CULTURAL  
1989 - PROJETO CULTURAL  
1990 - PROJETO CULTURAL



UNIVERSITÁRIA

http://iu.ufsc.br  
imprensa.ufsc@gmail.com  
imprensa@reitoria.ufsc.br  
Atendimento: (48) 3721-9600 -  
Tel/Fax: (48) 3721-9595 - Voip: (48) 3721-6485

# Marcos Laffin

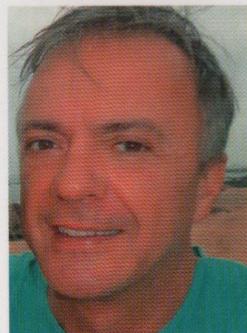
## Marcos Laffin

### SANFONAS DAS EDIÇÕES IPÊ:

- Seis Pedacos de Dois - 1986
- Seis Luas de Solstício - 1989
- Seis Marés de Água Viva - 1991

### LIVRO DE POEMAS:

- Estivador - Editora. Ipê. 1990
- Tempo dentro do tempo Editora da UFSC 2009.
- Muralhas de Lã - Apoio Editora Ltda. - 2012
- O Corpo das Hortênsias - Apoio Editora - 2013



### PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS:

- Antologia SHOW DAS DEZ em Tempo de Poesia Ano II - 1984.
- Antologia POETAS BRASILEIROS DE HOJE - 1986
- Antologia FLORAÇÕES POÉTICAS - 1986
- Antologia UM TOQUE DE POESIA - 1986
- Indicador Catarinense de Escritores - 1993
- Letras da Confraria nº 3 - Julho 2013

### PARTICIPAÇÃO EM ATIVIDADES CULTURAIS:

- Membro do PROLER - Comitê Regional Joinville
- Integrante do Movimento Viva Poesia Joinville
- Integrante do Grupo POEMARTE
- Membro Fundador do Grupo de Poetas ZARAGATA Joinville
- Membro Fundador da Associação Confraria

### PROJETOS CULTURAIS E CONSULTO AD HOC:

- Revistas, jornais e periódicos.
- Projetos culturais Poesia em Trânsito e Pão com Poesia.
- Encontro de Poetas.
- Congresso de Escritores.
- Livros, Revistas, Jornais, Antologias e Periódicos.

Marcos Laffin, PhD em Ciências Contábeis, é professor na Graduação e no Programa de Pós-Graduação - Mestrado e doutorado em Contabilidade da UFSC.